

## 1. A Mulher-Sem-Cabeça – onde está ela?

A mãe avança sozinha, já sem cabeça, e procura os seus três filhos. Está no quintal, a cabeça foi cortada e o sangue que vai saindo traça um percurso, um itinerário que será fundamental para os três filhos a encontrarem. Porque a mãe quer encontrar os seus três filhos, mas está já sem cabeça – e assim não é possível.

A mãe sem cabeça corre no quintal e várias galinhas afastam-se, olham para cima e não percebem a forma da-quele ser humano.

O quintal é grande e a mulher a quem cortaram a cabeça continua a avançar, passo a passo, como um ser humano a quem tivessem vendado os olhos. Parece a brincadeira infantil – a cabra-cega – mas àquela mulher não taparam os olhos com uma venda, cortaram a cabeça com um machado. Ela avança a chamar pelos filhos (mas por onde grita?) e subitamente percebe: está perdida. A Mulher-Sem-Cabeça está no que é certamente um Labirinto, e nesse Labirinto vai-se cruzando com os mais variados animais: cabras, porcos, galinhas, um cavalo – animais. Dois porcos copulam, mas a Mãe-Sem-Cabeça não vê.

Os três filhos entram no Labirinto e seguem o percurso da mãe através do sangue.

A mãe sabe que o sangue que vai deixando cair é a única maneira de, mais tarde, saber o caminho de regresso. Tem medo de sangrar demasiado, mas sabe que não pode parar de sangrar. Por vezes levanta a mão direita, leva-a ao que sobrou do pescoço, ao sítio de onde lhe arrancaram a cabeça, e recolhe um pouco de sangue, para depois o atirar de tempos a tempos para o chão, de forma a marcar o percurso. O cheiro do sangue é intenso, não será difícil depois voltar.

Mas os três filhos, lá atrás, à medida que chamam pela mãe, vão limpando o sangue do chão. O mais novo dos filhos é o último, é dele a responsabilidade de não deixar o mais leve vestígio do sangue da mãe. É uma vergonha, diz o Filho-Mais-Velho. Vergonha! – repete o do meio.

Chamam pela mãe, mas a mãe não ouve. Está sem cabeça, não consegue ouvir, pelo menos àquela distância. O estranho é que, mesmo sem cabeça, consegue gritar. Lá à frente chama pelos filhos; lá atrás os filhos ouvem algo e seguem o percurso do sangue.

A partir de certo momento a voz da mãe começa a ficar mais nítida. Os três filhos correm. À frente, o mais velho; lá atrás, o mais novo. Subitamente, mãe e filhos encontram-se. A mãe está sem cabeça, e o Filho-Mais-Velho grita, o do meio chora, o mais novo treme.

A mãe, mesmo sem cabeça, tenta acalmá-los. Pergunta-lhes se, no caminho, não viram a sua cabeça.

Eles respondem que não. Mas querem saber como tudo aconteceu.

– Como a cortaram? – pergunta o Filho-Mais-Velho.

– Quem a cortou? – pergunta o Filho-do-Meio.

– Porquê? – pergunta o Filho-Mais-Novo.

A mãe responde:

– Com um machado.

– Foi o pai.

– Porque queria ter mais espaço na cama.

Por momentos os três filhos não reagem, mas depois o Filho-Mais-Velho grita, o do meio chora, o mais novo treme.

Estando nisto, subitamente um forte raio estala por cima do Labirinto; a luz e o ruído são impressionantes.

Todos sentem medo e olham para cima, incluindo a mãe, que roda a parte do pescoço que ainda resta.

A mãe pergunta de novo:

– Viram a minha cabeça?

– Que tamanho tem? – pergunta o mais velho.

– Quanto pesa? – pergunta o do meio.

– Tem os olhos abertos? – pergunta o mais novo.

– Este – diz a mãe, simulando com as mãos acima do seu pescoço o tamanho exacto. – Mais de sete quilos. E sim, tem os olhos abertos. Se a minha cabeça vos vir, vai reconhecer-vos. Por favor, procurem-na – acrescentou ela.

De imediato, os três filhos viram costas e começam a correr à procura da cabeça. O Filho-Mais-Velho corre mais rápido, o do meio corre menos e o mais novo é o que corre mais devagar. O do meio olha para trás e ainda pensa em regressar para junto da mãe, mas, como vê que o seu irmão mais novo o segue, prossegue a corrida.

O mais novo olha para trás e ainda pensa em regressar para junto da mãe, mas, vendo que os dois irmãos mais velhos continuam a correr à sua frente, prossegue a corrida.

Vamos, vamos!, diz o mais velho, lá à frente. Vamos, vamos, diz o mais novo, lá atrás.

Os três correm três dias e três noites até que, ao quarto dia, no momento em que o sol se levanta, estão em frente à cabeça da mãe, que está no chão, no quintal. Em frente da cabeça da mãe apresentam-se:

– Eu sou o teu Filho-Mais-Velho.

Mas a cabeça da mãe não o reconhece.

– Eu sou o teu Filho-do-Meio.

Mas a cabeça da mãe não o reconhece.

– Eu sou o teu Filho-Mais-Novo.

Mas a cabeça da mãe não o reconhece.

Não são reconhecidos pela cabeça da mãe.

O Filho-Mais-Velho grita, o do meio chora, o mais novo treme.

Mas, depois da tristeza, ficam zangados. O mais velho insulta a cabeça da mãe; o do meio cospe-lhe, o mais novo dá-lhe um pontapé.

Abandonam a cabeça e decidem regressar ao Labirinto para procurar o corpo da mãe sem cabeça, corpo que os reconhecia.

Entram no Labirinto a grande velocidade, mas logo abrandam.

– É por aqui – diz o mais velho.

– Não, é por aqui – diz o do meio, apontando para outro caminho.

– É por aqui – aponta o mais novo para o terceiro caminho.

É impossível saber o caminho exacto. Eles próprios, por vergonha, haviam limpado o sangue que lhes indicava o percurso da mãe e agora não sabem por onde ir. Não há qualquer vestígio.

Depois de muito discutirem, cada um decide ir pelo seu caminho.

Quem encontrar a Mãe-Sem-Cabeça grita, combinam entre os três. Os outros, depois, irão aproximar-se do grito – e terminaremos todos juntos, disseram.

Assim acertado cada um arranca pelo seu caminho, a grande velocidade, a chamar pela mãe.

O mais velho grita.

O do meio grita.

O mais novo grita.

É o Filho-Mais-Velho quem encontra o corpo da mãe sem cabeça.

Ela apenas consegue murmurar: já perdi muito sangue.

Está a morrer.

O Filho-Mais-Velho levanta-se para gritar, mas no momento certo nada sai. Nem um som. Está mudo.

Ou então finge.